



Gaiato

Exma. Sra. Ana Maria Galle Moniz 1103
das Janelas Verdes, 116-2a
I S P O A - C.



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX—N.º 487—Preço 1\$00
10 DE NOVEMBRO DE 1962

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



SETUBAL

Há dias três visitantes em primeira mão saíram-se com esta: «Isto é quase uma cidade!» Ora nós sempre detestamos as grandezas e gostamos de chamar as coisas pelo seu devido nome, de maneira que nos rimos pedindo que não nos «gozassem». Pai Américo chamou a Paço de Sousa «a nossa pequena aldeia». Nós nem isso podemos apropriar a esta casa. O que levou aqueles três senhores a expressarem-se deste modo foi a verificação da variedade de actividades que os rapazes desempenham e o nadinha da nossa auto-suficiência. Há dias em que «esta quase cidade» nos aparece envolvida em poesia, sonho e beleza, ou

tros em que tudo é escuridão e tempestade acabrunhadora. Varia e nós variamos igualmente sentindo o seu vibrar nas fibras mais recônditas. «O P. e Américo orientava a Obra como quem toca piano»—diziam, há anos, em Coimbra, um amigo nosso. Eu não percebi bem o alcance daquela metáfora, nem sei mesmo se ele terá percebido bem quão expressiva foi a sua observação. Esta segunda feira, amanheceu bela em toda a extensão da vida da casa. As seis fui acordado pelo bater dos testos e panelas do café e assumi à janela para verificar de quem seriam os cantares tão animados e tão em surdina que àquela ho-

ra expressavam felicidade a jorros. Os vaqueiros de braço dado a caminho da vacaria para tirarem o leite que irá branquear o café e dar-lhe consistência, muito frescos, muito alegres, muito espontâneos. O dia parece vir limpo, pois o arrebalo apresenta-se arroxeadado e seco. Às seis e meia a sineta toca mandando saltar da cama este pequenino mundo que começa imediatamente num bulício sempre rotineiro e sempre novo. São eles. Eles que se lavam, eles que descem as escadas, eles que vão pró refeitório e começam logo a cantar «vão unir os corações». Eles em toda a expressão de avontade no cumprimento das suas obrigações. Os mais pequeninos, chefiados pelo «Feijoca», parecem-me um molho de cravos matizados de todas as cores das camisas e dos calções; a cheirarem ao rosmaninho das vassouras com que varrem as ruas. Cantam inocentes e puros e discutem que se chamarem nomes é «o Nautilio tem uma malagueta no bolso para lhes pôr na boca».

TRIBUNA de Coimbra

Quando esta notícia chegar aos vossos olhos já as Criaditas dos Pobres estarão definitivamente no Bairro do Património de Coimbra. No mês de Outubro foram lá passar todos os dias a arrumar a casa. No primeiro de Novembro abrirão as portas da casa-mãe a todas as necessidades, embora a sua missão especial seja substituir as mães na assistência às crianças durante o dia e a ordem e asseio na casa de cada uma.

Naquele bairro, além das Criaditas, ficarão desanove famílias praticamente todas numerosas, três delas com mais de dez filhos. Também ali ficará a Família Mártir da penúltima Tribuna que suscitou a misericórdia a um casal de Lisboa que ofereceu treze contos, outro casal de Coimbra que já entregou oito, uma tripeira em Coimbra que começou com mil anuais e outros com migalhas e embrulhos.

Ainda ontem na rua veio ao meu encontro um pai exemplaríssimo no número dos filhos e no porte, que trazia já há semanas «O Gaiato» dobrado no bolso para me dizer que alguém lhe tinha falado num terreno para a construção duma casa para aquela Família. Mãos dadas para o bem!

Não é em vão que sentimos e nos afligimos com a sorte de nossos Irmãos. Não é em vão que lançamos e ateamos fogo àqueles que nos rodeiam, nos lêem ou nos escutam. Além de Deus, que sempre está presente, há muitas almas ansiosas por caminhos de bem. Ai de mim se não evangelizar!

A alegria que já começa a sentir por aqueles Irmãos assistidos e amados compensa as dores, tristezas e quebreiras de cabeça por que tenho passado de há seis anos e espero passar ainda. Tudo neste mundo é tão passageiro e efêmero que vale bem a pena fazer alguma coisa para a eternidade. Vale bem a pena ter de mendigar mil e duzentos contos numa cidade pequena para abrigar Irmãos da mesma cidade! Mesmo que depois de tudo pronto se fique aflito e tenha de continuar a mendigar!

Padre Horácio



CALVARIO

Anda mais eu pela rampa acima. É suave, para mais facilmente poderem subir e descer os carros dos doentes. Agarra-te ao corrimão. Lentamente chegamos ao cimo. À esquerda fica o salão de recreio. Deixa-o estar. Vamos pela direita. O pavilhão que temos em frente retém paralíticas. Entremos. Sala de estar envidraçada convida ao repouso. Algumas doentes costuram. Outras lêem. Entretêm-se todas elas, como vês, útilmente. Ao fundo, imbutido na parede rústica, um aquário mostra-nos peixes em evoluções contínuas. É elemento de distração, bem preciso para quem está tolhido. Passemos adiante. São enfermarias amplas repletas de luz. Ao centro das quatro, reposteiro discreto esconde o que te vou mostrar — um altar. Foi aqui que celebri na manhã do dia onze. A Igreja estava toda virada para Roma. Em torno deste pequeno altar, bem unidos também à Igreja, estavam doentes, uns de pé outros nos leitos. Era a Igreja do sofrimento. A Igreja é um Corpo Vivo, formado por muitos membros. A estes foi dado o dom do sofrimento. E eles fazem-no render em proveito da mesma Igreja. Faze tu o mesmo aos dons que o Senhor te deu. Não desperdices que as pedras preciosas não se deitam aos suínos, mas a quem delas pode fazer obra de arte.

Não digo que venhas aqui inscrever-te neste rol. Mas, se tens bens, reparte com os que os não têm, porque aqueles também são um dom para colocares a render. Não digo que venhas aqui, que devês ter muitos Pobres à tua porta. Mas aprende, com os que aqui vêm, a dar, a amar os que precisam.

CONTINUA NA PÁGINA DOIS

CASAMENTO DO DANIEL

HOMILIA

É costume o Mundo afadigar-se por causa do acto em que estamos participando. Dissipa em vaidades matéria e espirito e desvia-se do sentido essencial daquilo mesmo que realiza.

Quereria que não tivesse sido, não estivesse sendo, nem nunca fôsse assim entre nós. O acto que ora decorre é um sinal, sinal sensível e eficaz da Graça, passo definitivo que introduz duas almas num estado mais santo do que o anterior, justamente porque tem por pórtico um Sacramento.

Não é, pois, o acto que passa, o passo que se dá—o que deve prender as nossas inteligências e afectos; mas o estado, o caminho que permanece. E o que permanece não é a impressão de uma primeira vista seja do que fôr, mas o conhecimento exacto da realidade íntima, da essência, do objecto sobre que nos debruçamos.

E sobre que nos debruçamos nós neste momento?

Sobre o mistério do amor.

Sobre um caminho de concretização do amor: o Casamento.

Sobre uma concretização pessoal do Casamento: o vosso Casamento, Daniel e Nêlita.

SOBRE O AMOR

Principia a levantar o véu do seu mistério, somente aquele que quis perseverantemente conhecer o Amor, o Amor substancial, o único Ser necessário — Deus. O Amor increado, e só Ele, nos pode revelar o amor-criatura. É este que nós queremos conhecer mais exactamente para lhe aderirmos mais conscientemente. O primeiro passo é ajoelhar, fazer silêncio, ouvir. «Falaí Senhor, que o vosso servo escuta».

Deveríeis aproveitar o noivado rezando mais, Rapazes, juntan-
CONTINUA NA PÁGINA DOIS

Padre Acílio

Casamento do Daniel

continuação da pág. UM

do-vos na oração à vossa noiva, juntando-vos «in nomine Domini», que é a condição de Cristo descer junto de dois, ou mais, que O invocam, para levar ao Pai a prece desses mesmos. Deveríeis rezar melhor do que nunca, no Retiro que preparase proximamente o vosso casamento. Decerto que o Senhor Se vos iria revelando—e n'Ele, no Amor, vós iríeis aprendendo o amor que deve unir os Esposos para sempre.

Por carência desta atitude de alma, nenhuma palavra é proferida mais vezes em vão do que a sa-

grada palavra amor; nenhuma realidade é tão profanada como o amor; e ainda que não profanada, é quase sempre mal compreendida, mesquinhamente compreendida, que é já uma forma omisiva de profanação.

Só se podem amar para sempre duas almas que amem a Deus. E reciprocamente: Duas almas que não amem a Deus, não se podem amar para sempre. As juras de amor, são mentiras que a carne diz e que a embriaguez dos seus prazeres vai encobrindo. Vai encobrindo..., cada vez menos; des-

nudando sempre mais a desilusão que o efêmero tem fatalmente de produzir a respeito do eterno... — até envenenar as almas que se deixaram enganar pela carne.

Esta é a tragédia que as crónicas divulgam escandalosamente, a respeito de príncipes e de «estrelas»; e também a tragédia anónima de tantos lares que vivem em inferno, porque Deus não mora lá — e onde Deus não mora é inferno.

Amarmos a Deus é, pois, a condição de nos amarmos. E por isso que o amor tende para a unidade, ou nos amamos em Deus, ou não nos amamos. Não é palavra vazia aquela que a Igreja diz do Coração de Jesus: «Centro de todos os corações». Quereis saber se verdadeiramente vos amais? Onde vos procurastes encontrar desde a primeira simpatia que vos inclinou um para o outro? Se foi no Coração de Deus—amais-vos. Se não foi, se nem sempre foi aí, ainda é tempo de rectificardes, de vos instalardes n'Ele — e a vossa simpatia depressa será amor verdadeiro, amor para sempre.

x x x

SOBRE O CAMINHO DE CONCRETIZAÇÃO DO AMOR QUE É O CASAMENTO

Escolher é, de sua natureza, uma acção dramática. Se a escolha compromete uma vida para sempre — escolher, para certos temperamentos inquietos e irresolutos, tem características de tragédia.

Ai do homem — até do menos inquieto e irresoluto — se ele tivesse de escolher o seu destino e o modo de o realizar! Trágica — sem dúvida — a vida do homem sem fé! Se alguns destes parece não darem conta, é que vivem anestesiados pela inconsciência, que nem por evitar o sofrimento deixa de ser negação de um autêntico valor...

Para o homem que crê, o seu destino e o modo de o realizar chamam-se **VOCACÃO**.

Vocação — chamada ao seu lugar na mesa do Pai — é o destino, na mente e na intenção divinas, de todo o homem que vem a este mundo.

Vocação — chamada por um de entre todos os caminhos que conduzem à Casa do Pai — é o modo de realizar o destino de cada homem.

O casamento é um destes modos. Porque é vocação, Deus é o sujeito dela e o homem o seu objecto. Se é Deus Quem chama, é Deus Quem escolhe. Portanto, o homem chamado ao casamento será conduzido por Deus até ao ínfimo pormenor da realização do seu chamamento. Assim ele creia firmemente e se deixe guiar suavemente!

Ora não é ínfimo pormenor, mas com certeza o mais importante no realizar da vocação ao Matrimónio, a mútua eleição dos esposos. Que felizes eles se sentirão, quão em paz, se limitarem esta escolha à procura e aceitação da escolha de Deus.

Escolher o conjuge é, essencialmente, merecê-lo. E quando se vive desde o desabrochar para o amor, em pureza de coração, em luta pela supremacia do espírito



DANIEL e NELITA

sobre a carne, na expectativa constante dos dons de Deus — teríamos de negar a Sua infinita misericórdia ou o Seu poder, para duvidarmos da Sua presença activa em ponto tão importante para a salvação do homem que convidou para a Sua mesa pela via do matrimónio.

Lembro-vos estas palavras bellissimas de Gustave Thibon:

«Não te escolhi. Amar-te-ia mal se tivesse tido necessidade de te escolher. Não se escolhe a Deus: é único. O mesmo se dá com certos dons de Deus: impõem-se com a mesma necessidade que o próprio Deus e excluem como Ele a hesitação e a escolha. Tu não és a escolhida (prima inter pares); tu és a única.

Os próprios acasos que fizeram com que te encontrasse, fazem parte de mim mesmo. Há, na vida de cada homem, horas decisivas em que os acasos estão plenamente dominados pela sua necessidade. E então, é vão falar de sorte, ou dizer «sim». No momento em que começaste a existir, não podias deixar de vir até mim: Deus não criou as almas a meias. Não se criou o teu amor dos acontecimentos que o fizeram nascer. A tua entrada na minha vida estava compreendida na tua essência».

«Não te escolhi» — deveis, pois, poder dizer agora um ao outro, Daniel e Nélita — Recebi-te conforme os méritos que adquiri enquanto te esperei. Agora aceito-te como tu és e disponho-me a ajudar-te a seres como Deus quer que tu sejas, para consumar, pelo nosso carácter de complemento um do outro, a unidade que há pouco jurámos e nos devemos e devemos ao Corpo Social que nos compreende.

Não é portanto uma demissão ou passividade este aceitar da escolha que Deus faz. Antes que Ele a revelasse, o homem que crê preocupou-se e ocupou-se em merecê-la. Foi activo. Tinha Fé... logo, ergueu um Ideal.

Depois de revelada a eleição

de Deus, resta um importante e longo papel aos noivos e aos esposos. É algo de criação no outro da imagem do primeiro, da imagem rectificadora pelos traços divinos do Modelo. Não é uma sobreposição ponto por ponto, mas a correcção de duas imagens desfocadas, que assim sobrepostas se tornam imagem mais nítida de Deus que nos criou à Sua semelhança, de um Deus que sendo Pai, espera, razoavelmente, que os filhos se pareçam conSigo.

Sim, — e voltamos a Gustave Thibon — «a harmonia única e insubstituível entre duas almas, não é mais na hora do encontro, que um começo indeterminado no meio de uma ganga de ilusão. É da comunhão quotidiana das alegrias, das dores, dos esforços e sacrifícios partilhados, que ela tirará, depois, a sua forma precisa e imutável. A alma irmã, a metade de nós mesmos (...) é o nosso amor e a nossa fidelidade que a criam. Ela poderia ter sido outra, mas, depois da prova do amor, ela só podia ter sido essa. (...) A verdadeira monogamia, isto é, a fusão de dois destinos, encontra-se mais no termo do que na origem do amor».

Creio estas ideias fundamentais no alicerce de um matrimónio feliz. É provável que a sua longa exposição vos não seja clara ao ouvi-la uma só vez. Por isso a escrevi, para que possam lê-la e meditá-la e, se preciso, esclarecê-la connosco; os vossos padres, o casal que hoje se ajoelha junto deste Altar, todos os casais que há mais ou menos anos aqui se ajoelharam, todos os futuros casais que aos pés deste ou de outro dos nossos Altares venham a ajoelhar-se com a intenção de se realizarem-servindo.

x x x

Falta-me, justamente, uma última palavra, sobre a concretização pessoal da vossa vocação, que é o vosso casamento — Daniel e Nélita.

É ao Autor já duas vezes cita-

CALVÁRIO

continuação da pág. UM

«Para os meus irmãos 20\$». «Para festejar os anos de minha mãe e os meus, 150\$». A oferta para o Calvário tem vindo muito certinha, ora com 50\$ ora com mais. Senhora do Porto com mil e alguém que o acompanhava com 50\$. Humilde portuense continua persistente na sua promessa. Portuense qualquer também. Mais senhores do Porto com 500\$. Este por alma da mãe que faleceu de tumor maligno. Este casal veio de Lisboa propositadamente. A esposa, em momento de operação cirúrgica promete vir aqui. Vem e entrega 14.000\$. Nonagenária em romagem deixa 500\$. Senhora de Lisboa deixa 200\$. Berta vem com a mesma quantia Maria, também de Lisboa, traz 300\$. Outra Maria traz 100\$. Anónima de Coimbra depõe mil na Auto-Industrial. A Escola Josefa de Obidos da capital envia mil. Tem sido lembrança anual. O Senhor faz bem a quem bem faz.

O Senhor Ministro da Saúde também vai aqui com cem mil, sem pragmática, como manda o Mestre.

Este vale vem com estas linhas — «ofereço isto pelos meus padrinhos de quem o recebi. Deus lhes conceda a única coisa que não possuem — a harmonia no lar». Só Deus é Uno, e n'Ele sómente há Unidade. Em Aveiro vendem objectos de ouro e enviam-nos 550\$. Regente escolar deixa economias. Visitas, marmelada, Vendeiras do Bolhão, fruta e 50\$, para o sr. António.

Dois jovens de Aveiro amea-

lharam 320\$. O avô, mensalmente, está aqui a lembrar-nos o seu neto. Portuense qualquer também. Peccator de Ovar igualmente. Anónima de Lisboa envia 500\$ pedindo uma A. M.. Doente para doentes com cem. Idalina com o mesmo. Lúcia de L. Marques também com a mesma quantia. Uma Maria com metade. Dona de casa com 40\$ do seu mealheiro. Maria de Viseu com cem. Professora das Caldas da Rainha com outro tanto. J. Manuel com 20\$. Senhora do Tojal com cem. Pobre viúva e filha com 50\$. Admiradora vem com a alma cheia. Senhor da Maia, ainda como eco da festa do Coliseu, entrega mil. Alguém pede oração para que peque menos, e manda 500\$. O Senhor veio semear fome e sede de justiça nos corações dos homens! Amigo do Porto com alguém da capital e do Porto. Promessa de Espinho 20\$.

Para as cortinas do altar do novo pavilhão 500\$. Não sei de quem mais, outros 500\$. De Penafiel migalhas para os doentes. De Rio Tinto cem. Das C. da Rainha, 30\$. De Gaia, mil. Da Batalha cem. Da Pr. de Damão mil e alguns cobertores. De Gondomar 200\$. De Valpaços 20\$ e roupas. Do Barredo 34\$.

Regina com cem e sua filha com metade. Excursão, a caminho de Lourdes, faz aqui primeira etapa. Humilde portuense desta vez manda 500\$, pois disse a si mesma: — «ens que fazer mais um sacrifício e enviareis cota maior». Quem se apaixonou pelos doentes em Coimbra envia-lhes roupa. Quatro Marias de Bragança fazem o mesmo. Dois jovens do Porto enviam 40\$.

Visitas em parcelas diversas deixaram nestes meses de verão 2.100\$. Alguém veio com 1.650\$, de outro alguém que o Senhor chamou. Filha amiga vem com 50\$ no dia dos anos da mãe. Estes cem escudos vêm com medicamentos.

E agora parece que não há mais ninguém aqui em casa. Tudo vem remetido para a Rosária, mais para a M. Alice. É roupa de Lisboa. É roupa do Porto. São uma data de envovais do Porto. 500\$ de anónima de Lisboa, para a Rosária. Subscrição do Pessoal de Minas e Metalúrgica, de Albergaria-a-Nova, com 238\$70 também para a Rosária. Mais 500\$ de Joana de Lisboa. E ainda uma migalha de Coimbra, «pedindo perdão a Deus de só agora acordar ao encontro dos irmãos desventurados».

Padre Baptista



A FAMÍLIA CRESCCE

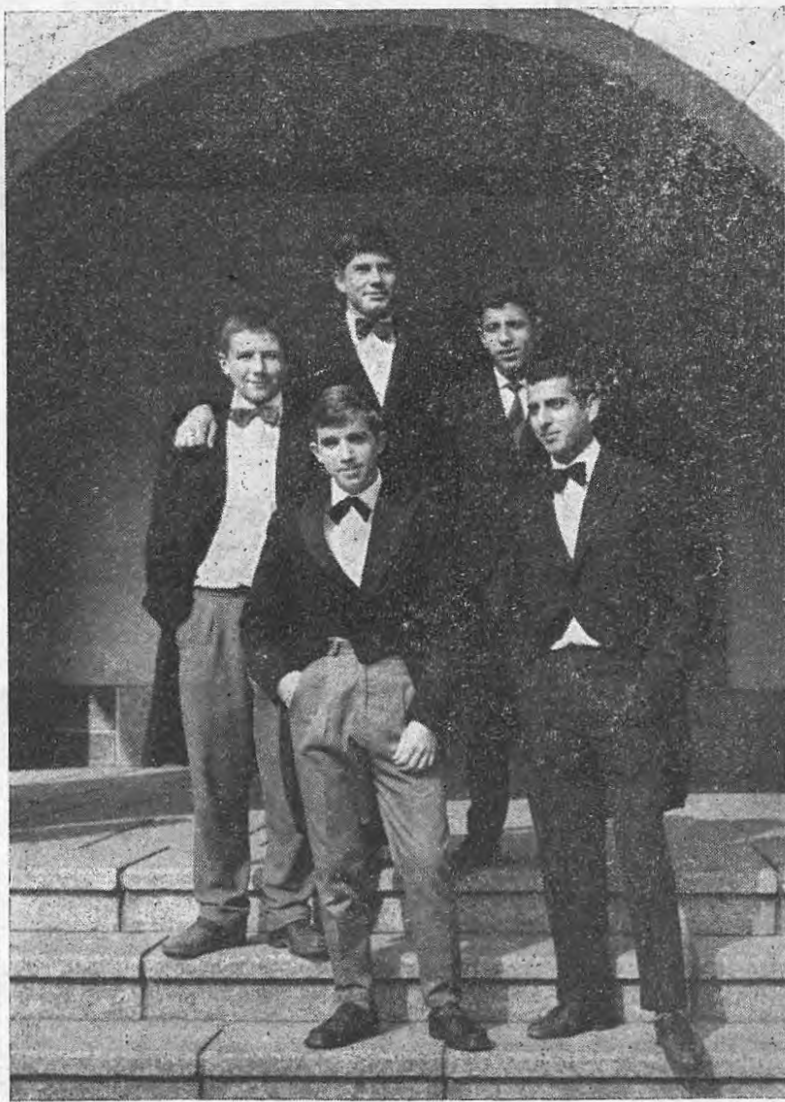
O 23 d'Outubro, 75.º aniversário do nosso querido Pai Américo, foi solenemente comemorado. É que o Pai Américo está presente — e bem vivo — em nossos corações. O anos rolam, mas o seu Espírito, a

sua presença inconfundível emerge cada vez mais intensamente. Eis a marca dos Carismados e dos Pelicanos.

x x x

Foi dia de festa rija. E mal se pegou no trabalho em escas-

sas duas horas que, de manhã, se lhe havia destinado — por mor da Tipografia e do Campo. Ali, era o Famoso atrasadíssimo. Aqui, era Sr. Padre Manuel a ferver com as fainas da época: esfolhadas, vindimas —



Os fachuas do dia foram «Serventes do luxo»: Nêquita, Bojar-da, Tira-Olhos, Melo, e Gordo...

do que eu vou buscar o mote do que ainda vos quero dizer:

«Só um amor comum pode ser a prova de um amor recíproco».

Há alguns anos, que vêm realizando o seu noivado aqueles que chamamos a servir a Obra.

Como até hoje ainda não apareceu entre estes nenhum chamado a consagrar-se no celibato; como «a tendência da Obra é que sejam rapazes os seus próprios continuadores; por isso mesmo escolha-se entre eles o mais avisado e dê-se-lhe preparação» (Pai Américo); como nada repugna que constituam família estes «continuadores» de uma obra cujo «padrão é a Família» (Pai Américo); como, até, se não vê ainda claramente qual seria a posição de um que ficasse celibatário, nesta «obra que não é eminentemente clerical» (Pai Américo), muito menos uma «religião», antes «Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes», em que o padre é «um sacerdote secular e, dentro da Obra, o toque espiritual das almas que lhe estão confiadas, (...) o pai de família, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final, a morte» (Pai Américo) — compreende-se a necessidade de estender a preparação do «continuador» à sua noiva, porque ela, dentro da unidade matrimonial, ou fará bloco com ele no amor comum e o valorizará para o serviço desse amor, ou o desvalorizará mais ou menos completamente para tal serviço.

A nossa intenção ao ressuscitar entre nós a cristã instituição do noivado (aliás acompanhando um movimento claramente esboçado na Igreja) era fazer esta preparação e também, retroactivamente, chamar a atenção para a necessidade dela àqueles nossos casais

que a não fizeram antes do matrimónio.

Na verdade, a cada um dos até agora uniformemente chamados «continuadores», nós queríamos dizer aquelas palavras de Jesus aos Seus Apóstolos, que o Bispo repete aos neo-sacerdotes quase no fim da ordenação: «Já não vos chamarei servos mas Meus amigos, porque vós conhecestes tudo o que operei no meio de vós. (...) Vós sois Meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando».

«Conhecer», aqui, significa adesão da inteligência e da vontade: «Sois Meus amigos, porque conhecestes...»; e «Sois Meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando»!

E «fazer o que Eu vos mando», também não significa cumprir materialmente, apenas, mas com total sintonização de espírito, entre o que cumpre e o que manda. Por isso, «Já não vos chamarei servos, mas Meus amigos...»

Durante o vosso noivado, breve e pouco bem preparado, prevenite, Nêlita, que encontrarias no Daniel um grande amor pre-existente ao amor que ele te oferece.

Por causa desse amor o chamamos, plenamente conscientes das limitações e contingências do seu irregular temperamento, feridos por alguns problemas que nos criou e sem ilusões a respeito de um futuro sem novos problemas.

Assim como tu, também nós o aceitamos tal qual ele é, não como desejávamos que ele fosse. E sabes porquê? Porque ele deseja ser como nós o desejamos. Este humilde trepar e escorregar, em grande anseio de alma, é o seu caminho de santidade.

Difícil, demasiadamente carregado de contradição este caminho, para que o entendam os menos habituados a considerar a vida do

espírito; mais difícil ainda se estes mesmos têm um coração pequenino.

Esperamos que tu o ajudes a encontrar o seu ponto de equilíbrio mais estável. Para isso, tu mesma tens de conquistar, com o auxílio de Deus e dele, a tua maturidade de Mulher. Terás de chamar muitas vezes pelo teu instinto maternal, ainda antes que sejas Mãe. E se toda a Mulher é um bocadinho mãe do seu Marido, tu terás de ser muito Mãe do teu Marido.

Grande missão, para a qual não estarás habilitada desde já, mas com que tens de contar desde agora. Em Jesus, tudo poderás. Assim O procures e n'Ele, por Ele, com Ele, gozes da Luz que te não permita errar e da Força que te não deixe vacilar!

Nunca caias na tentação de cuidar que aquele amor à Obra, de que falava há pouco, poderá diminuir-te o amor do Daniel. Pelo contrário ele é o terceiro incluído, é o tal amor comum que provará o vosso amor recíproco.

Se tu mesma te não deres ao amor da Obra a que ficas ligada, na perspectiva deste amor comum, desvalorizarás o Daniel para a Obra e reduzirás o vosso amor recíproco a «uma mistura de egoísmo e de ilusão» que se irá esgotando até à morte do amor.

Repara que nem Deus se dispensou deste princípio do terceiro incluído, como lhe chama Gustave Thibon: O amor a Deus prova-se no amor ao próximo!

Que o Pai Américo peça por vós, agora e sempre.

Que Maria, nossa Mãe, reine no vosso, nos nossos lares.

Que o Senhor vos esvazie de vós mesmos até à perfeita Humildade. E a Sua bênção seja guardar-vos aos dois no Seu Coração.



Os Tipógrafos não passavam cartão às tropas... Aqui estão os mais alegres da Aldeia!...

o mundo da nossa quinta, formosa como nunca!

Mal se produziu, realmente. Que da cozinha e da copa, do chefe e dos chefes houve uma proclamação de requerimentos de supras à Tipografia, e às outras oficinas, com destino aos mil e um preparativos do casamento do nosso Daniel, que escolheu — muito bem — o dia 23, para nascimento do seu lar.

x x x

As dez horas a sineta suspende a laboração das oficinas e da lavoura, para toda a gente se equipar com o melhor fato. Mas, como habitualmente, havia deles com fralda de fora ou com um pé descalço e outro calçado — por via das criadelas. Isto é a Casa do Gaiato!

Aproxima-se a hora marcada para a grande cerimónia. São quase 11 horas. E toda a Família da nossa Aldeia, e muitos amigos da primeira hora, se aglomeram no largo do cruzeiro. Presentes, também, delegações das restantes Casas da Obra da Rua. De Setúbal era o Ernesto Pinto e Esposa. Do Tojal, Cândido Pereira — bem disposto, como sempre. De Miranda e Coimbra, Sr. Padre Horácio e Lita. Do Lar do Porto, Manuel Fernando e Zé do Porto. De Beire, Sr. Padre Baptista e D. Virgínia. Tampouco faltaram os nossos casais, e irmãos de perto ou de longe; em serviço militar ou com sua vida estabelecida. Lembramos o Rocha, o Domingos, o Zé Gomes e o «Foscoa», hoje António Filomeno Gonçalves, mai-la Esposa. Presente, afinal, toda a Família da Obra da Rua!

Estamos na hora H. E os noivos demoram! É da praxe!... Ó que trabalhos eu passei, no dia do meu casamento, por não ter podido comparecer no altar, com pontualidade britânica! Sr. Padre Carlos resolve pôr «Cara-

col» em campo, a pesquisar os nubentes. Mas, entretanto, ouve-se a malta gritar — «Eles aí vêm!» É momento de expectativa. No largo, um mundo de gente. E tudo a postos na capela formosa e linda, pela simplicidade que foi marca de Pai Américo. Sr. Padre Manuel dirige o protocolo. Indica lugares aos convidados. E o nosso orfeão, com Sejaquim no órgão, sob a regência do Sr. Padre Arlindo — nosso Pároco amigo e músico de categoria — prepara trechos adequados ao cerimonial. São minutos de intensa espiritualidade. Jesus de Nazaré, filho de Maria — cujo Lar é o melhor exemplo para todos os lares — presente no sacrário. As velas crepitam. E Pai Américo presente, também, em corpo e alma. Mora ao lado esquerdo do altar. Sob uma pedra de granito — com flores, as mais belas — lavrada pelos pedreiros que tanto amou, pela sua arte, e da qual sobressai uma cruz — indicativo de uma alma consumida à sombra do Crucificado.

Daniel e Nêlita sobem ao altar. O orfeão canta o «Veni Creator Spiritus». E Daniel, religiosamente comovido pela solenidade, prostra a cabeça sobre as mãos, no genuflexório. Então, como representante da Santa Madre Igreja, Sr. Padre Carlos pergunta aos nubentes:

— Daniel Borges da Silva, desejas receber Maria Neli Soares e Silva como tua legítima esposa, conforme as leis da Santa Madre Igreja?

— Sim.

— Maria Neli Soares e Silva

continua na página QUATRO



